



COLÓQUIO

Letras




FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

número 203 Janeiro/Abril 2020

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Hornwala
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Orvaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APÓDIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APÓDIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel. 21 782 35 67

E-mail: colouquideletras@gulbenkian.pt

www.colouquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel. 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPI Overshoot Design

(a partir de obras de Eduardo Batarda)

IMPRESSÃO Greca Artes Gráficas

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em colouquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 1000

DEPÓSITO LEGAL 44738/91

ISSN 0010 1451

SUMÁRIO

GONÇALO M. TAVARES

- 9 Para ler o século de Gonçalo M. Tavares
Lilian Jacoto
- 21 O Sr. Eliot e as conferências: heterotopia e profanação
Madalena Vaz Pinto
- 29 Made in America: Gonçalo M. Tavares e a imagem
Pedro Eiras
- 40 O que está fora do traço é abismo e queda
Maria da Conceição Calêtro
- 51 (Re)pensar o humano na era da técnica
Pedro Corga
- 59 Se me esquecer de ti, Bloom, que seque a minha mão direita
Pedro Meneses
- 71 Gonçalo M. Tavares e José Saramago: duas viagens com ironia
Evelyn Blaut Fernandes

ARTIGOS

- 87 Pombal antijesuíta entre dois centenários (1882 e 1982)
José Eduardo Franco e Paula Carreira
- 99 Ostensivo e reservado
Pedro Sepúlveda
- 111 Silhueta negra (em contraluz): Ana Hatherly
e «A Confissão de Mariana»
Sandra Guerreiro Dias
- 122 Representações sacrificiais na Tetralogia Lusitana
de Almeida Faria
João Moita

FICÇÃO

- 133 *Gonçalo M. Tavares*

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 151 O Brasil de Eduardo Lourenço
António Carlos Cortez
- 157 A alma dos viajantes perdidos
Emanuel Madalena
- 166 Maria Teresa Floria: a força da poesia
Maria João Reynaud

173 *Deambulante, desconjunta, desavinda, ora viva!*

Margarida Vale de Gato

180 *Mariana Viana: as esculturas do tempo*

Yvette K. Centeno

185 *In Memoriam José Bento*

Fernando J. B. Martinho

190 *No centenário de Natércia Freire*

Nuno Júdice

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

EDIÇÃO

197 *Cancioneiro Juramenha*, ed. Barbara Spaggiari

T. F. EARLE

200 *Camões*, Almeida Garrett, ed. Helena Carvalhão Buescu

SÉRGIO NAZAR DAVID

202 *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, Fernando Pessoa,

ed. Luiz Figueiredo Duarte

MANUELA FERREIRA DA SILVA

POESIA

206 *Junto à Pedra*, Fernando Guimarães

FERNANDO DE CASTRO BRANCO

210 *O Livro das Tróguas*, Lídia Jorge

CATHERINE DUMAS

213 *Jardim da Parada*, Manuel de Freitas

MIGUEL MARTINS

216 *Jaguar*, António Carlos Cortez

JORGE VAZ DE CARVALHO

219 *Simple Science*, Rui Pires Cabral / *Olhar sobre Olhar*, António Cabrita,

Carlos Poças Falcão, João Vicente, José Francisco Azevedo,

Raquel Serejo Martins

MIGUEL MARTINS

221 *A Pedra e o Corpo*, Gisela Gracias Ramos Rosa

RONALDO CAGLIANO

223 *Lucidez*, Ricardo Marques

JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS

226 *Azul & Vermelho*, Adriana Crespo

MARGARIDA VALE DE GATO

229 *Giz Preto*, Gonçalo Fernandes

JOANA MEIREM

FICÇÃO

232 *Outro Outro*, Salette Tavares

CATHERINE DUMAS

235 *Estuário*, Lídia Jorge

AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA

237 *O Estendal e Outros Contos*, Jaime Rocha

MARIA DA CONCEIÇÃO CALIRO

- 240 *Autobiografia*, José Luís Peixoto
CARLOS NOGUEIRA
TRADUÇÃO
- 243 *A Árvore do Desaparecimento*, Jean Portante
NUNO JÚDICE
EPISTOLOGRAFIA
- 245 *Correspondência*, Vergílio Ferreira/Maria Lúcia Dal Farra
ISABEL CRISTINA RODRIGUES
ENSAIO
- 247 *Presença Ausente*, Paulo Borges
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO
- 250 *A Arte É Conhecimento?*, Fernando Guimarães
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 252 *Que Possível Ensaio sobre a Verdade em Vergílio Ferreira?*,
Maria do Rosário Cristóvão
JORGE COSTA LOPES
- 255 *A Inocência do Devir*, Silvína Rodrigues Lopes
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
- 259 *Resposta a Italo Calvino*, Carlos Nogueira
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- LITERATURA MOÇAMBICANA
- POESIA
- 261 *À Luz do Índico*, Amélia Vera Jardim
VANESSA RIAMBAU FINHEIRO
- LITERATURA BRASILEIRA
- POESIA
- 263 *Mal de Amor*, Marco Lucchesi
RONALDO CAGIANO
- 266 *Retratos com Erro*, Eucanaã Ferraz
ROSA MARIA MARTELO

elo que nos liga, sem que você saiba. [...] Escreva-me, por favor» (19).

A grande maioria das trinta e cinco cartas assinadas pelo autor de *Cântico Final* viabilizam a aproximação do registo epistolar que lhes subjaz ao registo diarístico dos volumes de *Conta-Corrente*, o que, de uma certa maneira, põe de manifesto o estatuto de autor que define o correspondente de Maria Lúcia Dal Farra: o seu interlocutor epistolar não é, pois, o professor do Liceu Camões, mas o escritor Vergílio Ferreira. Assim se compreende, por exemplo, a semelhança entre afirmações que datam de 28 de junho de 1972 (e que constam da carta número 13, em que Vergílio tece considerações sobre o desarranjo estrutural que sustenta os seus romances) e a sua revisitação argumentativa em 1980, no terceiro volume de *Conta-Corrente*: «Entretanto Nítido apareceu em Espanha. E com grande agrado meu, vejo pelas referências lá aparecidas que ele vai sendo entendido bem. Nomeadamente no que se refere ao que já se chamou lá uma 'paragramática', um desarranjo das formas gramaticais que todavia abre caminho até ao leitor. Como um pouco me parece (e salvo as devidas distâncias) acontecer com Picasso que esquarteja e desarruma um rosto, sem que ele deixe de ficar 'parecido'» (43); «O meu intento foi pintar como Picasso os olhos, a boca fora do sítio e ficar parecido. [...] O que eu quis foi destruir a estrutura sintáctica e obter o resultado de uma intelecção como se a respeitasse — escrever desarranjado como Picasso pintava, e ficar inteligível como em Picasso ficava 'parecido'»²

Para além do exposto, creio que um dos aspetos mais interessantes deste volume coincide com o seu impulso de grafia testemunhal de uma época extraordinariamente rica em ambos os lados do Atlântico: o da ditadura militar no Brasil e o do final da ditadura em Portugal, com os

consabidos descompassos de Vergílio com o tempo a vir e onde ele não deixava de ver a «ameaça de uma ditadura comunista» (92). Depois de cinco anos de interregno epistolar (entre 1978 e 1983), o autor de *Para Sempre* e a professora brasileira de literatura portuguesa regressam ainda a um breve convívio, finalizando Vergílio a sua última missiva com queixas explícitas à ilegibilidade do endereço postal da amiga. Na verdade, não precisavam já dele para prolongarem a conversa miudinha que ainda hoje devem manter, por sobre todas as ausências.

Isabel Cristina Rodrigues

NOTAS

- ¹ Maria Lúcia Dal Farra, «Cartas para Quem? Leituras de Cartas e Sonetos, de Vergílio Ferreira», in Rosa Maria Goulart, João Tiago Lima, Elina Esteves e Cristina Firmiano, *Vergílio Ferreira em Lisboa: Entre o Silêncio e a Palavra Total*, Évora/Lisboa, Universidade de Évora/Áncora Editora, 2016, p. 71.
- ² Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente 3* (1983), 2.^a ed., Lisboa, Bertrand, 1990, p. 25.

ENSAIO

Paulo Borges

PRESENÇA AUSENTE

A SAUDADE NA CULTURA

E NO PENSAMENTO PORTUGUESES /

NOVA TEORIA DA SAUDADE

Lisboa, Áncora Editora / 2019

Concebido no seguimento de dois anteriores trabalhos do autor, *Da Saudade como Via de Libertação* (QuidNovi, 2008) e *Uma Visão Armilar do Mundo* (Verbo, 2010), este recensado por nós nesta mesma revista, o presente livro de Paulo Borges divide-se em duas partes bem distintas — a primeira, «A Saudade na Cultura e no Pensamento Portugueses».

toda dedicada ao comentário e à exegese do motivo da saudade em textos e autores do passado, e por isso capaz de aproximação às cingentes leituras que fez no livro de 2010, e a segunda, «Nova Teoria da Saudade», um tríptico analítico com uma visão pessoal sobre o assunto e que retoma muitas das ideias presentes no livro de 2008.

É inquestionável o interesse da primeira parte deste trabalho, a mais substancial em termos quantitativos, já que ocupa 270 páginas das 320 do livro. Trata-se talvez do primeiro estudo sistemático da presença da saudade ao longo de cerca de oito séculos de criação cultural em Portugal, dos cantares galaico-portugueses à pintura de Lima de Freitas. Surgem aí os seguintes autores: Dom Dinis, Dom Duarte, Frei Sebastião Toscano, Luís de Camões, Frei Agostinho da Cruz, Padre António Vieira, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, António Sérgio, Leonardo Coimbra, Fernando Pessoa, Joaquim de Carvalho, Sílvio Lima, José Marinho, António José Saraiva, Dalila Pereira da Costa, Eduardo Lourenço e Lima de Freitas. Ao conjunto é necessário juntar o nome de Carolina Michaëlis, que em 1914, em plena campanha saudosista, deu a lume um notável e decisivo estudo filológico sobre a evolução fonética da palavra saudade.

As duas dezenas de capítulos que constituem este primeiro tronco do livro dividem-se em duas estirpes distintas: a dos poetas que poetaram a saudade, dos cancioneiros medievais a Fernando Pessoa, e a dos pensadores que com o antecedente de Dom Duarte ensaiaram no século XX uma fenomenologia da mesma. As vias da poesia e da filosofia convergem nos fins mas divergem nos meios. A primeira expressa-se pelo mito e a segunda através do pensar conceptual. Parece-me fora de dúvida que o autor sente mais sua, até por

formação, a segunda do que a primeira. Daí não ter sentido necessidade duma reflexão sobre o mito e daí ainda o privilégio dado à lírica, que sem urdidura de fábula, sem intriga de história e de acção, Aristóteles se escusou até a incluir na *poética*. Embora parente do canto, a lírica é a mais filosófica das expressões poéticas, aquela onde a máxima e o aforismo brilham por si, sem outros engastes. Mesmo no comentário feito à terceira das epnáforas de Francisco Manuel de Melo, a *Amorosa*, tão propícia no tanto que tem de narrativo a destacar uma tessitura mítica saudosa, Paulo Borges prefere atentar apenas nos parágrafos enunciativos, os excursos do narrador que não fazem parte da história aí contada, a de Roberto Machim e Ana de Arfet, e constituem antes apartes com valor nocional. O mesmo se pode dizer para o capítulo onde aborda a poesia de Pascoaes, em que só lhe interessam passos líricos de enunciação singular. Ao tocar o grande poema de 1911, *Marinus*, deixa de lado a trama dramatizada ao longo de centenas de versos, a de *Marinus*, Eleonor e a Saudade, personificada esta num ente activo e ilustrativo, com valor icónico de símbolo, para se dedicar apenas às sequências da responsabilidade do narrador, em especial os três versos finais.

Deixando de lado a ausência do mito e a natural desproporção no trabalho entre pensadores e poetas, escolhendo destes quase só o que têm dos primeiros, outra questão a aferir na abordagem desta parcela do livro é a justeza dos autores e textos seleccionados. É incontestável que uns e outros se mostram pertinentes para um conhecimento da saudade na cultura portuguesa. São notórias porém as ausências de autores e textos cruciais. Limitamo-nos a destacar duas na cadeia do século XVI: Gaspar Frutuoso, autor de *Saudades da Terra*, um texto historiográfico atípico da década de 80, onde o descobrimento

abordagem como quando no terceiro painel do tríptico elabora a «saudade» como experiência abissal de «sy» — o «tu» profundo que é «só o que é», livre do «eu» de superfície. Mas mesmo no plano em que o autor se coloca, o da análise e não o do pensamento mítico, talvez o único apto a superar a clivagem entre sujeito e objecto que tanto lhe interessa, as aporias não deixam de vir ao de cima. A ideia dumha saudade como momento absoluto em que tudo é vazio, incluindo a saudade, que assim desaparece, só faz sentido se nesse mesmo movimento se aceitar a presença plena da saudade. Esta não se manifesta apenas na cisão; no momento da união, no momento mesmo em que nada se espera ela também interrompe. «Matar saudades» não é liquidá-las mas alimentá-las. O mesmo se dirá para aquela experiência derradeira em que se compreende tudo «sem pensar, dizer ou imaginar nada» (282). Tal estado só como clímax e explosão da imaginação pode ser encarado e teorizado.

Nenhuma destas minhas observações, quer sobre a primeira parte do livro quer sobre a segunda, põem em causa o soberano interesse deste trabalho, patente nos neologismos que o autor cunhou e no seu livre exercício de dilucidação etimológica que o tornam um digno sucessor da cadeia diacrónica que Carolina Michaëlis estabeleceu no admirável estudo de 1914.

António Cândido Franco

[O Autor segue a antiga ortografia.]

Fernando Guimarães

A ARTE É CONHECIMENTO?

Porto, Universidade Católica Editora / 2019

Quando, num texto datado de Bristol, Junho de 1886¹, Eça de Queirós afirma que «A Arte é tudo — tudo o resto é nada»,

o que é que ele queria dizer? Eça não era, evidentemente, um teórico sistemático e rigoroso da literatura, por mais recheados que muitos dos seus textos estejam de referências a tendências literárias e a escritores, nem sequer um ensaísta, por mais ambíguo e multiforme que seja este género literário. Mas tinha, digamos, intuições teóricas geniais, resumidas em frases-chave semelhantes à citada. Depois de Eça, o muito mais teórico e especulativo Fernando Pessoa (autor também de frases-chave geniais como o verso célebre de *Mensagem* «O mito é o nada que é tudo») reflectiu longamente sobre a essência da arte, como em «Sobre a Arte em geral», onde afirma: «Crenças, exercícios, impérios, atitudes — tudo isso passa. Só a arte fica, por isso só a arte vê-se, porque dura»², frase semelhante a outra de Eça no texto citado: «A Arte é tudo porque só ela tem a duração.»³

Ao ler o mais recente livro de ensaios de Fernando Guimarães, *Interrogativo do início ao fim (o próprio título, A Arte É Conhecimento?*, sugere essa atitude), ocorreu-me aquela, digamos, fórmula (e como fórmula não interrogativa, mas genialmente intuitiva, repito) de Eça, que Fernando Pessoa de certo modo retomou. E ocorreu-me no sentido em que, diga-se desde já, também para Fernando Guimarães há na obra de arte uma totalidade da expressão criativa, de dimensão ontológica, resumida nesta passagem, depois de citar Heidegger: «Na obra de arte ganha corpo toda uma convergência de factores em que se convoca o entendimento, a sensibilidade, a imaginação e outros meios expressivos, como é o caso da linguagem» (43).

O livro está dividido em quatro partes, sendo que, desde um breve prólogo, intitulado «Entre o Ser e a Linguagem», o autor realça a íntima relação entre arte e filosofia, interrogando-se: